

82/83
AMADORA
DE DA ANO



Paróquia de Nossa Senhora da Conceição Amadora

MARÇO
1964

BOLETIM DA COMUNIDADE PAROQUIAL * ANO I * NÚMERO 2

Sacramentos Pascais

É sempre difícil procurar dar o sentido verdadeiro a expressões de doutrina Católica caídas aqui e acolá no ouvido, às vezes, distraidamente.

Sacramentos Pascais, são sacramentos para a Páscoa, diremos. Sim, e mais alguma coisa!

São sobretudo sacramentos para que tornemos viva, verdadeiramente viva nas nossas almas, a Páscoa de Cristo.

Páscoa é, diz-nos São Paulo, Cristo imolado, (I Cor. V-7). Ora Cristo imolado é Cristo na Cruz, sacrificado pela nossa salvação, e é Cristo Ressuscitado como vítima de glória que jamais termina na sua função de Salvador.

Mas, sabemos-lo bem, para sermos de Cristo recebermos o primeiro selo no Baptismo — o primeiro contacto vital com Ele.

Ora neste tempo de preparação para a celebração da Páscoa do Senhor, só há que renovar a força, isto é, a Graça que nos veio desse primeiro e inapagável contacto.

Daí o rito da Renovação das Promessas do Baptismo na Vigília Pascal.

Baptizados no Sangue de Cristo, «concorpóreos» com Cristo pelo Santo Baptismo, vamos realmente, logo que a idade o permite, receber o próprio Corpo e Sangue do Senhor.

Poderíamos dizer que o baptismo só fica completo com a participação no grande acto que renova a Paixão, a Morte e Ressurreição do Senhor que é a Missa.

De modo que a Páscoa viva, a verdadeira, a sincera Páscoa Cristã só pode ser celebrada na Comunhão do Corpo e do Sangue de Jesus Imolado e agora glorioso como Vítima e Sacerdote Eterno.

A confissão é sacramento pascal, enquanto renova o perdão do Senhor na alma que renegou os princípios e a Graça do Baptismo.

Enunciei princípios doutriniais, e mais do que isso, quis dar impulso à tua alma, caro irmão, sedenta de Cristo, para que te encontres com Ele, na tua Confissão, renovando a tua alma nas forças e graça baptismal enfraquecidas; para que te encontres verdadeiramente com Ele juntamente com a tua família na Mesa Comum do «Pai de Família» que nos dá a Vida, dando-nos «O Seu próprio Filho».

CONCEITOS DE FELICIDADE

Há notícias de jornais que, como muitas outras efemérides do dia a dia, podem ser interpretadas por formas diversas, de pessoa para pessoa, especialmente quando tocam as raízes do sensacional.

Parece-nos desta espécie a crónica que lemos num conceituado diário e a que vamos aludir seguidamente, acerca do homem mais rico do mundo.

Paul Getty aparece-nos aqui como «o único ser humano que possui uma fortuna de mais de mil milhões de dólares», com o rendimento diário em moeda portuguesa de 200 milhões de escudos, proveniente de explorações petrolíferas directas, refinarias em Itália, Estados Unidos e Japão, frotas de navios-cisternas, cadeias de hotéis distribuídos por todo o mundo, companhias aéreas e de seguros, ditando a lei ao imenso império de 70 sociedades em que tem o capital de 80%. Rockefeller, Ford e Gulbenkian, seriam a seu lado, como o Monte Branco comparado com o Everest.

No entanto, este homem que segundo se deduz não vive feliz, nem se adivinha que o tivesse sido em tempo algum, está doente, com graves crises hepáticas e desde há muito sofre de incurável melancolia que o conserva isolado de todos, ao ponto de dar ordens pelo telefone e ditafone, para não privar com as duas secretárias que possui, único pessoal que o ajuda a governar o grande império que se estende por todo o mundo.

Não tem descendência, vive numa casa de campo, a 50 quilómetros de Londres, chamada Sulton Place, que adquiriu há 3 anos e foi propriedade do duque de Sutherland, que modernizou, celebrando o acto inaugural com um baile que reuniu 1.500 convidados. Admiravam-se ali alcatifas persas, obras de arte, ouro e prata acumulados a todos os cantos. A foto que ilustra a crónica mostra bem a expressão doentia de um hepático inconsolável.

Este multimilionário que vive esmagado pelo pesadelo da sua ingente fortuna, vazio de felici-

(Continua na 4.ª pág.)